

4 SESSÃO DE ABERTURA

CONFERÊNCIAS DO ESTORIL
DESAFIOS GLOBAIS, RESPOSTAS LOCAIS



ANTÓNIO D'ÓREY CAPUCHO



Na sessão de abertura da primeira edição das Conferências do Estoril, a sala cheia deixava antever o sucesso da iniciativa. Foi uma sessão marcada pela expectativa e entusiasmo de reunir em Portugal um conjunto de personalidades da academia, política e meio empresarial que marcam fortemente o rumo da globalização.

Lançaram-se as sementes do debate através da exibição de um filme inaugural que reuniu algumas ideias para reflexão, relacionando o conhecimento e o desenvolvimento, o global e o local, a diversidade e a unidade, em suma, os desafios que se colocam pelo *momentum* que se vive da globalização.

Clara de Sousa abriu a sessão fazendo referência ao actual cenário de crise económica e financeira mas prosseguiu o seu discurso com uma tónica optimista, dizendo que é necessário responsabilidade e coragem para combater a actual crise e que a persistência é uma das fórmulas de sucesso. Salientou que as respostas locais a problemas globais podem ser uma gota no oceano, mas as grandes caminhadas são feitas de pequenos passos. No final, Clara de Sousa apresentou os membros da Comissão Organizadora e parceiros da primeira edição das Conferências do Estoril: António d'Orey Capucho, Luís Pais Antunes, Carlos Carreiras, Jens Bigum e David Held.

A primeira intervenção coube a António d'Orey Capucho, Presidente da Câmara Municipal de Cascais e Conselheiro de Estado. Uma das principais mensagens do seu discurso foi que estando a globalização, as alterações climáticas e a sustentabilidade do planeta na ordem do dia, a verdade é que são conceitos que ainda não foram suficientemente interiorizados e repercutidos de forma adequada

nos processos de planeamento e de tomada de decisão. Foi neste contexto que a Câmara Municipal de Cascais e os seus parceiros organizaram este fórum de debate de nível internacional.

Por fim, António Capucho referiu algumas palavras sobre o local destas conferências: o Concelho de Cascais, o Estoril em particular, têm uma forte tradição histórica de acolhimento de congressos nacionais e internacionais nas mais variadas áreas, nomeadamente de partilha de experiências no domínio das políticas locais sustentáveis. Essa tradição, em moldes ainda mais profícuos e ambiciosos, tem agora um novo alento com as Conferências do Estoril.

Luís Pais Antunes, Director Executivo do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, começou por salientar que as Conferências resultaram de um encontro de vontades entre a Câmara Municipal de Cascais e o IEEI. As Conferências são ambiciosas pelo número, importância e pela relevância pública e política dos convidados, bem como pela duração e dimensão da iniciativa, sem paralelo em Portugal. Também os prémios, de grande relevo a nível internacional, entregues ao longo do evento, são uma marca de qualidade das Conferências.

Luís Pais Antunes terminou o seu discurso deixando pistas de reflexão para o debate: «vivemos num mundo de profundas contradições, onde convivem a abundância crescente e a desigualdade. É um mundo onde convivem, de uma forma cada vez mais agressiva, os direitos adquiridos de alguns e a ausência de direitos dos outros. É um mundo onde começa a ser chocante o emprego garantido para uns e o desemprego crescente para outros».

O CENTRO DE CONGRESSOS DO ESTORIL

Recebeu em 2008 a certificação da Green Globe International pelas suas práticas ecológicas e compromisso de negócio sustentável (<http://www.estorilcc.com>).

4 • SESSÃO DE ABERTURA



CARLOS CARREIRAS



4

Carlos Carreiras, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais e Presidente da DNA Cascais, começou por referir que os portugueses estiveram presentes no primeiro grande movimento de globalização do mundo – a globalização faz parte do nosso ADN cultural.

Para Carlos Carreiras, os grandes desafios devem ser entendidos como grandes oportunidades e é nesse quadro que as Conferências do Estoril se situam: pretende-se acima de tudo encontrar respostas não para a globalização, mas para a globalização, ou seja, chamando à responsabilidade territórios, povos e cada um de nós, de forma a sermos contribuintes efectivos para as respostas a dar.

O desenvolvimento do concelho de Cascais passa pela capacidade de captar, fixar e desenvolver conhecimento, competências e criatividade num ambiente de talento e de tolerância. Diz a História que as sociedades que mais se desenvolveram tiveram a capacidade de reunir talento e tolerância como factores de desenvolvimento. É neste ambiente que as Conferências do Estoril são lançadas!

Jens Bigum, Presidente do Conselho de Administração da Universidade de Aarhus, na Dinamarca, realçou a importância de encontrar locais onde todos os sectores da sociedade possam debater a globalização, quebrando fronteiras tradicionais. A experiência dinamarquesa tem a ver com estes locais de debate: em Abril de 2005, foi constituído o Danish Globalization Council (DGC) com representantes do Governo, sindicatos, empresários, comunidades do ensino e da investigação. O DGC tem como objectivo aconselhar o governo dinamarquês sobre as estratégias de desenvolvimento, nomeadamente as que estão relacionadas com o crescimento, o conhecimento e o empreendedorismo social daquele país. As recomendações do DGC têm sido as linhas orientadoras para as políticas de longo prazo e o consenso tem sido alcançado, dado que todas as partes têm tido oportunidade de se sentar à mesma mesa e de discutir as questões da globalização. Por exemplo, os sectores

da investigação e do ensino sofreram inúmeras alterações nos últimos anos, fruto das recomendações do DGC.

Seguiu-se a intervenção de David Held, Co-Director do Centre for Study of Global Governance, London School of Economics and Political Science. Held iniciou o seu discurso dizendo que não é suficiente analisar o mundo, é fundamental transformar essa análise em medidas concretas. Foi o primeiro a referir uma das ideias fortes dos debates e dos discursos em todos os painéis das Conferências do Estoril: o equilíbrio de poder no mundo está a mudar. Esta transformação da realidade geopolítica será pano de fundo e factor condicionante de um rumo alternativo para a globalização. Da reforma das instituições internacionais à prática corporativa das grandes empresas, passando pela procura de sustentabilidade energética ou pela redefinição de valores e identidades, são questões que em muito se definirão no jogo de poder internacional.



DANNY LEIPZIGER

4 • SESSÃO DE ABERTURA



JENS BIGUM



O tabuleiro tem agora uma multiplicidade de actores com espaço próprio, pelo menos igual ao dos Estados Unidos da América (EUA) e da União Europeia: os famosos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). Mas não só de grandes pólos de poder regional e global se pautará este jogo; também os pequenos países, pobres ou emergentes, se organizam para, no seio de uma ordem internacional em ebulição, ganharem voz. Segundo David Held existem três testes críticos que iremos enfrentar nos próximos anos:

1. Podemos encontrar uma solução durável para as alterações climáticas?
2. Pode a arquitectura financeira internacional ser reformada e ter um regime regulatório global permanente?
3. O desafio da (não) proliferação nuclear.

Iremos nós estar à altura a cada um destes desafios? Poderemos restabelecer uma ordem estável nos próximos anos, nomeadamente através de um novo consenso entre o Oeste, Este, Norte e Sul? David Held concluiu que, se falharmos, a ordem multilateral vai dividir-se em blocos nacionais e regionais de poder e quem se preocupar com as questões globais vai ser visto como um romântico.

Por último, Danny Leipziger, Vice-Presidente do Banco Mundial e responsável pelo Programa para a Redução da Pobreza e a Gestão Económica, abordou as implicações da crise financeira nos países em desenvolvimento, onde vivem 5/6 da população mundial. A crise actual é única por três razões:

- 1) não teve origem nos países em desenvolvimento;
- 2) a confiança ainda não foi restaurada;
- 3) é uma recessão sincronizada, que requer acção coordenada de todos.

Danny Leipziger lançou também algumas das questões que marcaram os debates nos três dias da conferência: a questão da representatividade nas instituições e nos diversos

fora de negociação internacional; o aparecimento de tendências proteccionistas e a preocupação com as alterações radicais nos fluxos de capital, nomeadamente de Investimento Directo Estrangeiro (IDE), criando dinâmicas de criação e destruição de emprego para as quais é necessário preparar as sociedades.

Leipziger finalizou esta sessão de abertura lembrando uma coisa simples: somos todos pessoas e há uma escala muito humana na actual crise. São as pessoas que devem estar no centro das preocupações, é a vida que consubstancia o fim último de todas as coisas.

Foram reflexões iniciais, que espelham bem as preocupações mas também as motivações, para a organização da edição de 2009 das Conferências do Estoril, subordinadas ao tema Desafios Globais, Respostas Locais.



TONY BLAIR e ROBERT HUNTER

4.1 • BIOGRAFIA



António d'Orey Capucho

Presidente da Câmara Municipal de Cascais
Moderador

António Capucho é Presidente da Câmara Municipal de Cascais desde 2001. Desempenhou diversos cargos governativos, entre os quais Secretário de Estado Adjunto do Primeiro Ministro e Ministro dos Assuntos Parlamentares.

António Capucho é militante do Partido Social Democrata, tendo exercido, desde 1974, diversos cargos partidários a nível concelhio e nacional, nomeadamente Secretário-Geral, Vice-Presidente da Comissão Política Nacional e Presidente do Grupo Parlamentar.

Em 1989 encabeçou a lista do PSD e ganhou as eleições ao Parlamento Europeu, tendo sido reeleito em 1994.

Nestes dois mandatos foi eleito Vice-Presidente do Parlamento Europeu. Actualmente é membro do Conselho Nacional do PSD. Foi condecorado com a Grã-cruz da Ordem do Infante, Grã-Cruz de Mérito Civil (Espanha) e Medalha de Honra do Município de Cascais.



4.1

